

# OBRAS POÉTICAS

*FERNANDO PESSOA*

## Poesias, Quadras, Traduções

### **CANCIONEIRO**

#### NOTA PRELIMINAR

1 - Em todo o momento de atividade mental acontece em nós um duplo fenômeno de percepção: ao mesmo tempo que temos consciência dum estado de alma, temos diante de nós, impressionando-nos os sentidos que estão virados para o exterior, uma paisagem qualquer, entendendo por paisagem, para conveniência de frases, tudo o que forma o mundo exterior num determinado momento da nossa percepção.

---

2 - Todo o estado de alma é uma passagem. Isto é, todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol no nosso espírito. E — mesmo que se não queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem — pode ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem. Se eu disser “Há sol nos meus pensamentos”, ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes.

---

3 - Assim, tendo nós, ao mesmo tempo, consciência do exterior e do nosso espírito, e sendo o nosso espírito uma paisagem, tempos ao mesmo tempo consciência de duas paisagens. Ora, essas paisagens fundem-se, interpenetram-se, de modo que o nosso estado de alma, seja ele qual for, sofre um pouco da paisagem que estamos vendo — num dia de sol uma alma triste não pode estar tão triste como num dia de chuva — e, também, a paisagem exterior sofre do nosso estado de alma — é de todos os tempos dizer-se, sobretudo em verso, coisas como que “na ausência da amada o sol não brilha”, e outras coisas assim. De maneira que a arte que queira representar bem a realidade terá de a dar através duma representação simultânea da paisagem interior e da paisagem exterior. Resulta que terá de tentar dar uma intersecção de duas paisagens. Tem de ser duas paisagens, mas pode ser — não se querendo admitir que um estado de alma é uma paisagem — que se queira simplesmente interseccionar um estado de alma (puro e simples sentimento) com a paisagem exterior. [...]

## **DOBRE**

Peguei no meu coração  
E pu-lo na minha mão

Olhei-o como quem olha  
Grãos de areia ou uma folha.

Olhei-o pálido e absorto  
Como quem sabe estar morto;

Com a alma só comovida  
Do sonho e pouco da vida.

*Fernando Pessoa, 1913*

## INTERVALO

Quem te disse ao ouvido esse segredo  
Que raras deusas têm escutado —  
Aquele amor cheio de crença e medo  
Que é verdadeiro só se é segredado?...  
Quem te disse tão cedo?

Não fui eu, que te não ousei dizê-lo.  
Não foi um outro, porque não sabia.  
Mas quem roçou da testa teu cabelo  
E te disse ao ouvido o que sentia?  
Seria alguém, seria?

Ou foi só que o sonhaste e eu te o sonhei?  
Foi só qualquer ciúme meu de ti  
Que o supôs dito, porque o não direi,  
Que o supôs feito, porque o só fingi  
Em sonhos que nem sei?

Seja o que for, quem foi que levemente,  
A teu ouvido vagamente atento,  
Te falou desse amor em mim presente  
Mas que não passa do meu pensamento  
Que anseia e que não sente?

Foi um desejo que, sem corpo ou boca,  
A teus ouvidos de eu sonhar-te disse  
A frase eterna, imerecida e louca —  
A que as deusas esperam da ledice  
Com que o Olimpo se apouca.

*Fernando Pessoa*

## ABDICAÇÃO

Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços  
E chama-me teu filho... eu sou um rei  
que voluntariamente abandonei  
O meu trono de sonhos e cansaços.

Minha espada, pesada a braços lassos,  
Em mão viris e calmas entreguei;  
E meu cetro e coroa — eu os deixei  
Na antecâmara, feitos em pedaços

Minha cota de malha, tão inútil,  
Minhas esporas de um tinir tão fútil,  
Deixei-as pela fria escadaria.

Despi a realeza, corpo e alma,  
E regressei à noite antiga e calma  
Como a paisagem ao morrer do dia.

*Fernando Pessoa, 1913*

**Carta de Fernando Pessoa ao amigo Mário Beirão, em  
01 de Fevereiro de 1913 comentando sobre como  
escreveu este poema:**

“Estou actualmente atravessando uma daquelas crises a que, quando se dão na agricultura, se costuma chamar ‘crise de abundância’.

Tenho a alma num estado de rapidez ideativa tão intenso que preciso fazer da minha atenção um caderno de apontamentos, e, ainda assim, tantas são as folhas que tenho a encher que algumas se perdem, por elas serem tantas, e outras se não podem ler depois, por com mais que muita pressa escritas. As ideias que perco causam-me uma tortura imensa, sobrevivem-se nessa tortura escuramente outras. V. dificilmente imaginará que a Rua do Arsenal, em matéria de movimento, tem sido a minha pobre cabeça. Versos ingleses, portugueses, raciocínios, temas, projectos, fragmentos de coisas que não sei o que são, cartas que não sei como começam ou acabam, relâmpagos de críticas, murmúrios de metafísicas... toda uma literatura, meu caro Mário, que vai da bruma — para a bruma — pela bruma...

Destaco de coisas psíquicas de que tenho sido o lugar o seguinte fenómeno que julgo curioso. V. sabe, creio, que de várias fobias que tive guardo unicamente a assaz infantil mas terrivelmente torturadora fobia das trovoadas. O outro dia o céu ameaçava chuva e eu ia a caminho de casa e por tarde não havia carros. Afinal não houve trovoada, mas esteve iminente e começou a chover — aqueles pingos graves, quentes e espaçados — ia eu ainda a meio caminho entre a Baixa e minha casa. Atirei-me para casa com o andar mais próximo do correr que pude achar, com a tortura mental que V. calcula, perturbadíssimo, confrangido eu todo. E neste estado de espírito encontro-me a compor um soneto — acabei-o uns passos antes de chegar ao portão de minha casa —, a compor um soneto de uma tristeza suave, calma, que parece escrito por um crepúsculo de céu limpo. E o soneto é não só calmo, mas

também mais ligado e conexo que algumas coisas que eu tenho escrito. O fenômeno curioso do desdobramento é a coisa que habitualmente tenho, mas nunca o tinha sentido neste grau de intensidade...”

Dorme enquanto eu velo...  
Deixa-me sonhar...  
Nada em mim é risonho.  
Quero-te para sonho,  
Não para te amar.

A tua carne calma  
É fria em meu querer.  
Os meus desejos são cansaços.  
Nem quero ter nos braços  
Meu sonho do teu ser.

Dorme, dorme. dorme,  
Vaga em teu sorrir...  
Sonho-te tão atento  
Que o sonho é encantamento  
E eu sonho sem sentir.

*Fernando Pessoa*



Põe-me as mãos nos ombros...  
Beija-me na frente...  
Minha vida é escombros,  
A minha alma insonte.

Eu não sei por quê,  
Meu desde onde venho,  
Sou o ser que vê,  
E vê tudo estranho.

Põe a tua mão  
Sobre o meu cabelo...  
Tudo é ilusão.  
Sonhar é sabê-lo.

*Fernando Pessoa*

Ao longe, ao luar,  
No rio uma vela  
Serena a passar,  
Que é que me revela?

Não sei, mas meu ser  
Tornou-se-me estranho,  
E eu sonho sem ver  
Os sonhos que tenho.

Que angústia me enlaça?  
Que amor não se explica?  
É a vela que passa  
Na noite que fica.

*Fernando Pessoa, 5-08-1921*

Sonho. Não sei quem sou neste momento.  
Durmo sentindo-me. Na hora calma  
Meu pensamento esquece o pensamento,  
Minha alma não tem alma.

Se existo é um erro eu o saber. Se acordo  
Parece que erro. Sinto que não sei.  
Nada quero nem tenho nem recorde.  
Não tenho ser nem lei.

Lapso da consciência entre ilusões,  
Fantasmas me limitam e me contêm.  
Dorme insciente de alheios corações,  
Coração de ninguém.

*Fernando Pessoa, 6-1-1923*

Contemplo o lago mudo  
Que uma brisa estremece.  
Não sei se penso em tudo  
Ou se tudo me esquece.

O lago nada me diz,  
Não sinto a brisa mexê-lo  
Não sei se sou feliz  
Nem se desejo sê-lo.

Trêmulos vincos risonhos  
Na água adormecida.  
Por que fiz eu dos sonhos  
A minha única vida?

*Fernando Pessoa, 4-8-1930*

Gato que brincas na rua  
Como se fosse na cama,  
Invejo a sorte que é tua  
Porque nem sorte se chama.

Bom servo das leis fatais  
Que regem pedras e gentes,  
Que tens instintos gerais  
E sentes só o que sentes.

És feliz porque és assim,  
Todo o nada que és é teu.  
Eu vejo-me e estou sem mim,  
Conheço-me e não sou eu.

*Fernando Pessoa, 1-1931*

Não: não digas nada!  
Supor o que dirá  
A tua boca velada  
É ouvi-lo já

É ouvi-lo melhor  
Do que o dirias.  
O que és não vem à flor  
Das frases e dos dias.

És melhor do que tu.  
Não digas nada: sê!  
Graça do corpo nu  
Que invisível se vê.

*Fernando Pessoa, 5/6-2-1931*

Vaga, no azul amplo solta,  
Vai uma nuvem errando.  
O meu passado não volta.  
Não é o que estou chorando.

O que choro é diferente.  
Entra mais na alma da alma.  
Mas como, no céu sem gente,  
A nuvem flutua calma.

E isto lembra uma tristeza  
E a lembrança é que entristece,  
Dou à saudade a riqueza  
De emoção que a hora tece.

Mas, em verdade, o que chora  
Na minha amarga ansiedade  
Mais alto que a nuvem mora,  
Está para além da saudade.

Não sei o que é nem consinto  
À alma que o saiba bem.  
Visto da dor com que minto  
Dor que a minha alma tem.

*Fernando Pessoa, 29-3-1931*

## O ANDAIME

O tempo que eu hei sonhado  
Quantos anos foi de vida!  
Ah, quanto do meu passado  
Foi só a vida mentida  
De um futuro imaginado!

Aqui à beira do rio  
Sossego sem ter razão.  
Este seu correr vazio  
Figura, anônimo e frio,  
A vida vivida em vão.

A 'sp'rança que pouco alcança!  
Que desejo vale o ensejo?  
E uma bola de criança  
Sobre mais que minha 's'prança,  
Rola mais que o meu desejo.

Ondas do rio, tão leves  
Que não sois ondas sequer,  
Horas, dias, anos, breves  
Passam — verduras ou neves  
Que o mesmo sol faz morrer.

Gastei tudo que não tinha.  
Sou mais velho do que sou.  
A ilusão, que me mantinha,  
Só no palco era rainha:  
Despiu-se, e o reino acabou.

Leve som das águas lentas,  
Gulosas da margem ida,  
Que lembranças sonolentas



De esperanças nevoentas!  
Que sonhos o sonho e a vida!

Que fiz de mim? Encontrei-me  
Quando estava já perdido.  
Impaciente deixei-me  
Como a um louco que teime  
No que lhe foi desmentido.

Som morto das águas mansas  
Que correm por ter que ser,  
Leva não só lembranças —  
Mortas, porque hão de morrer.

Sou já o morto futuro.  
Só um sonho me liga a mim —  
O sonho atrasado e obscuro  
Do que eu devera ser — muro  
Do meu deserto jardim.

Ondas passadas, levai-me  
Para o alvido do mar!  
Ao que não serei legai-me,  
Que cerquei com um andaime  
A casa por fabricar.

*Fernando Pessoa*

Sorriso audível das folhas  
Não és mais que a brisa ali  
Se eu te olho e tu me olhas,  
Quem primeiro é que sorri?  
O primeiro a sorrir ri.

Ri e olha de repente  
Para fins de não olhar  
Para onde nas folhas sente  
O som do vento a passar  
Tudo é vento e disfarçar.

Mas o olhar, de estar olhando  
Onde não olha, voltou  
E estamos os dois falando  
O que se não conversou  
Isto acaba ou começou?

*Fernando Pessoa, 27-11-1930*

## **AUTOPSILOGRAFIA**

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.

*Fernando Pessoa*

O que me dói não é  
O que há no coração  
Mas essas coisas lindas  
Que nunca existirão...

São as formas sem forma  
Que passam sem que a dor  
As possa conhecer  
Ou as sonhar o amor.

São como se a tristeza  
Fosse árvore e, uma a uma,  
Caíssem suas folhas  
Entre o vestígio e a bruma.

*Fernando Pessoa, 5-9-1933*

Entre o sono e sonho,  
Entre mim e o que em mim  
É o quem eu me suponho  
Corre um rio sem fim.

Passou por outras margens,  
Diversas mais além,  
Naquelas várias viagens  
Que todo o rio tem.

Chegou onde hoje habito  
A casa que hoje sou.  
Passa, se eu me medito;  
Se desperto, passou.

E quem me sinto e morre  
No que me liga a mim  
Dorme onde o rio corre —  
Esse rio sem fim.

*Fernando Pessoa, 11-9-1933*

Tenho tanto sentimento  
Que é freqüente persuadir-me  
De que sou sentimental,  
Mas reconheço, ao medir-me,  
Que tudo isso é pensamento,  
Que não senti afinal.

Temos, todos que vivemos,  
Uma vida que é vivida  
E outra vida que é pensada,  
E a única vida que temos  
É essa que é dividida  
Entre a verdadeira e a errada.

Qual porém é a verdadeira  
E qual errada, ninguém  
Nos saberá explicar;  
E vivemos de maneira  
Que a vida que a gente tem  
É a que tem que pensar.

*Fernando Pessoa, 18-9-1933*

Grandes mistérios habitam  
O limiar do meu ser,  
O limiar onde hesitam  
Grandes pássaros que fitam  
Meu transpor tardo de os ver.

São aves cheias de abismo,  
Como nos sonhos as há.  
Hesito se sondo e cismo,  
E à minha alma é cataclismo  
O limiar onde está.

Então desperto do sonho  
E sou alegre da luz,  
Inda que em dia tristonho;  
Porque o limiar é medonho  
E todo passo é uma cruz.

*Fernando Pessoa, 2-10-1933*

## **FRESTA**

Em meus momentos escuros  
Em que em mim não há ninguém,  
E tudo é névoas e muros  
Quanto a vida dá ou tem,

Se, um instante, erguendo a fronte  
De onde em mim sou aterrado,  
Vejo o longínquo horizonte  
Cheio de sol posto ou nado

Revivo, existo, conheço,  
E, ainda que seja ilusão  
O exterior em que me esqueço,  
Nada mais quero nem peço.  
Entrego-lhe o coração.

*Fernando Pessoa*



## EROS E PSIQUE

... E assim vêdes, meu  
Irmão, que as verdades  
que vos foram dadas no  
Grau de Neófito, e  
aquelas que vos foram  
dadas no Grau de  
Adepto  
Menor, são, ainda que  
opostas, a mesma  
verdade.

*(Do Ritual Do  
Grau De Mestre  
Do Átrio  
Na Ordem  
Templária De  
Portugal)*

Conta a lenda que dormia  
Uma Princesa encantada  
A quem só despertaria  
Um Infante, que viria  
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,  
Vencer o mal e o bem,  
Antes que, já libertado,  
Deixasse o caminho errado  
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,  
Se espera, dormindo espera,  
Sonha em morte a sua vida,

E orna-lhe a fronte esquecida,  
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,  
Sem saber que intuito tem,  
Rompe o caminho fadado,  
Ele dela é ignorado,  
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino  
Ela dormindo encantada,  
Ele buscando-a sem tino  
Pelo processo divino  
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro  
Tudo pela estrada fora,  
E falso, ele vem seguro,  
E vencendo estrada e muro,  
Chega onde em sono ela mora,

E, inda tonto do que houvera,  
À cabeça, em maresia,  
Ergue a mão, e encontra hera,  
E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.

*Fernando Pessoa*

Teus olhos entristecem.  
Nem ouves o que digo.  
Dormem, sonham esquecem...  
Não me ouves, e prossigo.

Digo o que já, de triste,  
Te disse tanta vez...  
Creio que nunca o ouviste  
De tão tua que és.

Olhas-me de repente  
De um distante impreciso  
Com um olhar ausente.  
Começas um sorriso.

Continuo a falar.  
Continuas ouvindo  
O que estás a pensar,  
Já quase não sorrindo.

Até que neste ocioso  
Sumir da tarde fútil,  
Se esfolha silencioso  
O teu sorriso inútil.

*Fernando Pessoa, 19-10-1935*

## LIBERDADE

Ai que prazer  
não cumprir um dever.  
Ter um livro para ler  
e não o fazer!  
Ler é maçada,  
estudar é nada.  
O sol doira sem literatura.  
O rio corre bem ou mal,  
sem edição original.  
E a brisa, essa, de tão naturalmente matinal  
como tem tempo, não tem pressa...

Livros são papéis pintados com tinta.  
Estudar é uma coisa em que está indistinta  
A distinção entre nada e coisa nenhuma.

Quanto melhor é quando há bruma.  
Esperar por D. Sebastião,  
Quer venha ou não!

Grande é a poesia, a bondade e as danças...  
Mas o melhor do mundo são as crianças,  
Flores, música, o luar, e o sol que peca  
Só quando, em vez de criar, seca.

E mais do que isto  
É Jesus Cristo,  
Que não sabia nada de finanças,  
Nem consta que tivesse biblioteca...

*Fernando Pessoa*

## POESIAS COLIGIDAS

Outros terão

Um lar, quem saiba, amor, paz, um amigo.

A inteira, negra e fria solidão

Está comigo.

A outros talvez

Há alguma coisa quente, igual, afim

No mundo real. Não chega nunca a vez

Para mim.

“Que importa?”

Digo, mas só Deus sabe que o não creio.

Nem um casual mendigo à minha porta

Sentar-se veio.

“Quem tem de ser?”

Não sofre menos quem o reconhece.

Sofre quem finge desprezar sofrer

Pois não esquece.

Isto até quando?

Só tenho por consolação

Que os olhos se me vão acostumando

À escuridão.

*Fernando Pessoa, 13-1-1920.*

Ah quanta melancolia!  
Quanta, quanta solidão!  
Aquele alma, que vazia,  
Que sinto inútil e fria  
Dentro do meu coração!

Que angústia desesperada!  
Que mágoa que sabe a fim!  
Se a nau foi abandonada,  
E o cego caiu na estrada —  
Deixai-os, que é tudo assim.

Sem sossego, sem sossego,  
Nenhum momento de meu  
Onde for que a alma emprego —  
Na estrada morreu o cego  
A nau desapareceu.

*Fernando Pessoa, 3-9-1924.*

Minha mulher, a solidão,  
Consegue que eu não seja triste.  
Ah, que bom é o coração  
Ter este bem que não existe!

Recolho a não ouvir ninguém,  
Não sofro o insulto de um carinho  
E falo alto sem que haja alguém:  
Nascem-me os versos do caminho.

Senhor, se há bem que o céu conceda  
Submisso à opressão do Fado,  
Dá-me eu ser só — veste de seda —,  
E fala só — leque animado.

*Fernando Pessoa, 27-8-1930*

Por quem foi que me trocaram  
Quando estava a olhar pra ti?  
Pousa a tua mão na minha  
E, sem me olhares, sorri.

Sorri do teu pensamento  
Porque eu só quero pensar  
Que é de mim que ele está feito  
É que tens para mo dar.

Depois aperta-me a mão  
E vira os olhos a mim...  
Por quem foi que me trocaram  
Quando estás a olhar-me assim?

*Fernando Pessoa*



Cai chuva do céu cinzento  
Que não tem razão de ser.  
Até o meu pensamento  
Tem chuva nele a escorrer.

Tenho uma grande tristeza  
Acrescentada à que sinto.  
Quero dizer-ma mas pesa  
O quanto comigo minto.

Porque verdadeiramente  
Não sei se estou triste ou não.  
E a chuva cai levemente  
(Porque Verlaine consente)  
Dentro do meu coração.

*Fernando Pessoa, 15-11-1930.*

Eu amo tudo o que foi,  
Tudo o que já não é,  
A dor que já me não dói,  
A antiga e errônea fé,  
O ontem que dor deixou,  
O que deixou alegria  
Só porque foi, e voou  
E hoje é já outro dia.

*Fernando Pessoa, 1931.*

As nuvens são sombrias  
Mas, nos lados do sul,  
Um bocado do céu  
É tristemente azul.

Assim, no pensamento,  
Sem haver solução,  
Há um bocado que lembra  
Que existe o coração.

E esse bocado é que é  
A verdade que está  
A ser beleza eterna  
Para além do que há.

*Fernando Pessoa, 5-4-1931*

Uma maior solidão  
Lentamente se aproxima  
Do meu triste coração.

Enevoa-se-me o ser  
Como um olhar a cegar,  
A cegar, a escurecer.

Jazo-me sem nexo, ou fim...  
Tanto nada quis de nada,  
Que hoje nada o quer de mim.

*Fernando Pessoa, 23-10-1931*

Chove. Que fiz eu da vida?  
Fiz o que ela fez de mim...  
De pensada, mal vivida...  
Triste de quem é assim!

Numa angústia sem remédio  
Tenho febre na alma, e, ao ser,  
Tenho saudade, entre o tédio,  
Só do que nunca quis ter...

Quem eu pudera ter sido,  
Que é dele? Entre ódios pequenos  
De mim, 'stou de mim partido.  
Se ao menos chovesse menos!

*Fernando Pessoa, 23-10-1931*

A Lua (dizem os ingleses),  
É feita de queijo verde.  
Por mais que pense mil vezes  
Sempre uma idéia se perde.

E era essa, era, era essa,  
Que haveria de salvar  
Minha alma da dor da pressa  
De... não sei se é desejar.

Sim, todos os meus desejos  
São de estar sentir pensando...  
A Lua (dizem os ingleses)  
É azul de quando em quando.

*Fernando Pessoa, 14-11-1931*

Eu tenho idéias e razões,  
Conheço a cor dos argumentos  
E nunca chego aos corações.

*Fernando Pessoa, 1932*

Basta pensar em sentir  
Para sentir em pensar.  
Meu coração faz sorrir  
Meu coração a chorar.  
Depois de parar de andar,  
Depois de ficar e ir,  
Hei de ser quem vai chegar  
Para ser quem quer partir.

Viver é não conseguir.

*Fernando Pessoa, 14-6-1932*



Como nuvens pelo céu  
Passam os sonhos por mim.  
Nenhum dos sonhos é meu  
Embora eu os sonhe assim.

São coisas no alto que são  
Enquanto a vista as conhece,  
Depois são sombras que vão  
Pelo campo que arrefece.

Símbolos? Sonhos? Quem torna  
Meu coração ao que foi?  
Que dor de mim me transtorna?  
Que coisa inútil me dói?

*Fernando Pessoa, 17-6-1932*

Que suave é o ar! Como parece  
Que tudo é bom na vida que há!  
Assim meu coração pudesse  
Sentir essa certeza já.

Mas não; ou seja a selva escura  
Ou seja um Dante mais diverso,  
A alma é literatura  
E tudo acaba em nada e verso.

*Fernando Pessoa, 6-11-1932*

Tenho esperança? Não tenho.  
Tenho vontade de a ter?  
Não sei. Ignoro a que venho,  
Quero dormir e esquecer.

Se houvesse um bálsamo da alma,  
Que a fizesse sossegar,  
Cair numa qualquer calma  
Em que, sem sequer pensar,

Pudesse ser toda a vida,  
Pensar todo o pensamento —  
Então [...]

*Fernando Pessoa, 11-12-1933.*

Como é por dentro outra pessoa  
Quem é que o saberá sonhar?  
A alma de outrem é outro universo  
Com que não há comunicação possível,  
Com que não há verdadeiro entendimento.

Nada sabemos da alma  
Senão da nossa;  
As dos outros são olhares,  
São gestos, são palavras,  
Com a suposição de qualquer semelhança  
No fundo.

*Fernando Pessoa, 1934*

A ciência, a ciência, a ciência...  
Ah, como tudo é nulo e vão!  
A pobreza da inteligência  
Ante a riqueza da emoção!

Aquela mulher que trabalha  
Como uma santa em sacrifício,  
Com quanto esforço dado ralha!  
Contra o pensar, que é o meu vício!

A ciência! Como é pobre e nada!  
Rico é o que alma dá e tem.

[...]

*Fernando Pessoa, 4-10-1934*

Tudo quanto penso,  
Tudo quanto sou  
É um deserto imenso  
Onde nem eu estou.

Extensão parada  
Sem nada a estar ali,  
Areia peneirada  
Vou dar-lhe a ferroada  
Da vida que vivi.

[...]

*Fernando Pessoa, 18-3-1935*

## POEMAS PARA LILI

Pia, pia, pia  
    O mocho.  
Que pertencia  
    A um coxo.  
E meteu o mocho  
    Na pia, pia, pia...

Levava eu um jarrinho  
P'ra ir buscar vinho  
Levava um tostão  
P'ra comprar pão:  
E levava uma fita  
Para ir bonita.

Correu atrás  
De mim um rapaz:  
Foi o jarro p'ra o chão,  
Perdi o tostão,  
Rasgou-se-me a fita...  
Vejam que desdita!

Se eu não levasse um jarrinho,  
Nem fosse buscar vinho,  
Nem trouxesse uma fita  
Pra ir bonita,  
Nem corresse atrás  
De mim um rapaz  
Para ver o que eu fazia,  
Nada disto acontecia.

*Fernando Pessoa*

## POEMA PIAL

Casa Branca —  
Barreiro a Moita  
(Silêncio ou  
estação, à escolha  
do freguês)

Toda a gente que tem as mãos frias  
Deve metê-las dentro das pias.

Pia número UM  
Para quem mexe as orelhas em jejum.

Pia número DOIS,  
Para quem bebe bifés de bois.

Pia número TRÊS,  
Para quem espirra só meia vez.

Pia número QUATRO,  
Para quem manda as ventas ao teatro.

Pia número CINCO,  
Para quem come a chave do trinco.

Pia número SEIS,  
Para quem se penteia com bolos-reis

Pia número SETE,  
Para quem canta até que o telhado se derrete.

Pia número OITO,  
Para quem parte nozes quando é afoito.

Pia número NOVE,  
Para quem se parece com uma couve.



Pia número DEZ,  
Para quem cola selos nas unhas dos pés.

E, como as mãos já não estão frias,  
Tampa nas pias!

*Fernando Pessoa*

## VENDAVAL

Ó vento do norte, tão fundo e tão frio,  
Não achas, soprando por tanta solidão,  
Deserto, penhasco, coval mais vazio  
Que o meu coração!

Indômita praia, que a raiva do oceano  
Faz louco lugar, caverna sem fim,  
Não são tão deixados do alegre e do humano  
Como a alma que há em mim!

Mas dura planície, praia atra em fereza,  
Só têm a tristeza que a gente lhes vê  
E nisto que em mim é vácuo e tristeza  
É o visto o que vê.

Ah, mágoa de ter consciência da vida!  
Tu, vento do norte, teimoso, iracundo,  
Que rasgas os robles — teu pulso dívida  
Minh'alma do mundo!

Ah, se, como levas as folhas e a areia,  
A alma que tenho pudesses levar —  
Fosse pr'onde fosse, pra longe da idéia  
De eu ter que pensar!

Abismo da noite, da chuva, do vento,  
Mar torvo do caos que parece volver —  
Porque é que não entras no meu pensamento  
Para ele morrer?

Horror de ser sempre com vida a consciência!  
Horror de sentir a alma sempre a pensar!  
Arranca-me, é vento; do chão da existência,  
De ser um lugar!

E, pela alta noite que fazes mais'scura,  
Pelo caos furioso que crias no mundo,  
Dissolve em areia esta minha amargura,  
Meu tédio profundo.

E contra as vidraças dos que há que têm lares,  
Telhados daqueles que têm razão,  
Atira, já pária desfeito dos ares,  
O meu coração!

Meu coração triste, meu coração ermo,  
Tornado a substância dispersa e negada  
Do vento sem forma, da noite sem termo,  
Do abismo e do nada!

*Fernando Pessoa, 16-2-1920.*

Cai amplo o frio e eu durmo na tardança  
De adormecer.  
Sou, sem lar, nem conforto, nem esperança,  
Nem desejo de os ter.

E um choro por meu ser me inunda  
A imaginação.  
Saudade vaga, anônima, profunda,  
Náusea da indecisão.

Frio do Inverno duro, não te tira  
Agasalho ou amor.  
Dentro em meus ossos teu tremor delira.  
Cessa, seja eu quem for!

*Fernando Pessoa, 19-1-1931.*

Sossega, coração! Não desespere!  
Talvez um dia, para além dos dias,  
Encontres o que queres porque o queres.  
Então, livre de falsas nostalgias,  
Atingirás a perfeição de seres.

Mas pobre sonho o que só quer não tê-lo!  
Pobre esperança a de existir somente!  
Como quem passa a mão pelo cabelo  
E em si mesmo se sente diferente,  
Como faz mal ao sonho o concebê-lo!

Sossega, coração, contudo! Dorme!  
O sossego não quer razão nem causa.  
Quer só a noite plácida e enorme,  
A grande, universal, solente pausa  
Antes que tudo em tudo se transforme.

*Fernando Pessoa, 2-8-1933.*

Todas as cousas que há neste mundo  
Têm uma história,  
Excepto estas rãs que coaxam no fundo  
Da minha memória.

Qualquer lugar neste mundo tem  
Um onde estar,  
Salvo este charco de onde me vem  
Esse coaxar.

Ergue-se em mim uma lua falsa  
Sobre juncais,  
E o charco emerge, que o luar realça  
Menos e mais.

Onde, em que vida, de que maneira  
Fui o que lembro  
Por este coaxar das rãs na esteira  
Do que deslembro?

Nada. Um silêncio entre jucos dorme.  
Coaxam ao fim  
De uma alma antiga que tenho enorme  
As rãs sem mim.

*Fernando Pessoa, 13-8-1933.*

Sou o Espírito da treva,  
A Noite me traz e leva;

Moro à beira irreal da Vida,  
Sua onda indefinida

Refresca-me a alma de espuma...  
Pra além do mar há a bruma...

E pra aquém? há Cousa ou Fim?  
Nunca olhei para trás de mim...

*Fernando Pessoa*

Sonhei, confuso, e o sono foi disperso,  
Mas, quando dispertei da confusão,  
Vi que esta vida aqui e este universo  
Não são mais claros do que os sonhos são

Obscura luz paira onde estou converso  
A esta realidade da ilusão  
Se fecho os olhos, sou de novo imerso  
Naquelas sombras que há na escuridão.

Escuro, escuro, tudo, em sonho ou vida,  
É a mesma mistura de entre-seres  
Ou na noite, ou ao dia transferida.

Nada é real, nada em seus vãos moveres  
Pertence a uma forma definida,  
Rastro visto de coisa só ouvida.

*Fernando Pessoa, 28-9-1933.*



Se alguém bater um dia à tua porta,  
Dizendo que é um emissário meu,  
Não acredites, nem que seja eu;  
Que o meu vaidoso orgulho não comporta  
Bater sequer à porta irreal do céu.

Mas se, naturalmente, e sem ouvir  
Alguém bater, fores a porta abrir  
E encontrares alguém como que à espera  
De ousar bater, medita um pouco. Esse era  
Meu emissário e eu e o que comporta  
O meu orgulho do que desespera.  
Abre a quem não bater à tua porta!

*Fernando Pessoa, 5-9-1934.*

A lavadeira no tanque  
Bate roupa em pedra bem.  
Canta porque canta e é triste  
Porque canta porque existe;  
Por isso é alegre também.

Ora se eu alguma vez  
Pudesse fazer nos versos  
O que a essa roupa ela fez,  
Eu perdeira talvez  
Os meus destinos diversos.

Há uma grande unidade  
Em, sem pensar nem razão,  
E até cantando a metade,  
Bater roupa em realidade...  
Quem me lava o coração?

*Fernando Pessoa, 15-9-1933*

Não quero rosas, desde que haja rosas.  
Quero-as só quando não as possa haver.  
Que hei-de fazer das coisas  
Que qualquer mão pode colher?

Não quero a noite senão quando a aurora  
A fez em ouro e azul se diluir.  
O que a minha alma ignora  
É isso que quero possuir.

Para quê?... Se o soubesse, não faria  
Versos para dizer que inda o não sei.  
Tenho a alma pobre e fria...  
Ah, com que esmola a aquecerei?...

*Fernando Pessoa, 7-1-1935.*

# Traduções

## O CORVO \*

(de Edgar Allan Poe)

Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,  
Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais,  
E já quase adormecia, ouvi o que parecia  
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.  
“Uma visita”, eu me disse, “está batendo a meus umbrais.  
É só isto, e nada mais.”

Ah, que bem disso me lembro! Era no frio dezembro,  
E o fogo, morrendo negro, urdia sombras desiguais.  
Como eu qu’ria a madrugada, toda a noite aos livros dada  
P’ra esquecer (em vão!) a amada, hoje entre hostes celestiais —  
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais,

Mas sem nome aqui jamais!

Como, a tremer frio e frouxo, cada reposteiro roxo  
Me incutia, urdia estranhos terrores nunca antes tais!  
Mas, a mim mesmo infundido força, eu ia repetindo,  
“É uma visita pedindo entrada aqui em meus umbrais;  
Uma visita tardia pede entrada em meus umbrais.

É só isto, e nada mais”.

E, mais forte num instante, já nem tardo ou hesitante,  
“Senhor”, eu disse, “ou senhora, decerto me desculpais;  
Mas eu ia adormecendo, quando viestes batendo,  
Tão levemente batendo, batendo por meus umbrais,  
Que mal ouvi...” E abri largos, franqueando-os, meus umbrais.

Noite, noite e nada mais.

A treva enorme fitando, fiquei perdido receando,  
Dúbio e tais sonhos sonhando que os ninguém sonhou iguais.  
Mas a noite era infinita, a paz profunda e maldita,  
E a única palavra dita foi um nome cheio de ais —  
Eu o disse, o nome *dela*, e o eco disse aos meus ais.

Isso só e nada mais.

Para dentro estão volvendo, toda a alma em mim ardendo,  
Não tardou que ouvisse novo som batendo mais e mais.  
“Por certo”, disse eu, “aquela bulha é na minha janela.  
Vamos ver o que está nela, e o que são estes sinais.”  
Meu coração se distraía pesquisando estes sinais.

“É o vento, e nada mais.”

Abri então a vidraça, e eis que, com muita negaça,  
Entrou grave e nobre um corvo dos bons tempos ancestrais.  
Não fez nenhum cumprimento, não parou nem um momento,  
Mas com ar solene e lento pousou sobre os meus umbrais,  
Num alvo busto de Atena que há por sobre meus umbrais,

Foi, pousou, e nada mais.

E esta ave estranha e escura fez sorrir minha amargura  
Com o solene decoro de seus ares rituais.  
“Tens o aspecto tosquiado”, disse eu, “mas de nobre e ousado,  
Ó velho corvo emigrado lá das trevas infernais!  
Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernais.”

Disse o corvo, “Nunca mais”.

Pasmei de ouvir este raro pássaro falar tão claro,  
Inda que pouco sentido tivessem palavras tais.  
Mas deve ser concedido que ninguém terá havido

Que uma ave tenha tido pousada nos meus umbrais,  
Ave ou bicho sobre o busto que há por sobre seus umbrais,

Com o nome “Nunca mais”.

Mas o corvo, sobre o busto, nada mais dissera, augusto,  
Que essa frase, qual se nela a alma lhe ficasse em ais.  
Nem mais voz nem movimento fez, e eu, em meu pensamento  
Perdido, murmurei lento, “Amigo, sonhos — mortais  
Todos — todos já se foram. Amanhã também te vais”.

Disse o corvo, “Nunca mais”.

A alma súbito movida por frase tão bem cabida,  
“Por certo”, disse eu, “são estas vozes usuais,  
Aprendeu-as de algum dono, que a desgraça e o abandono  
Seguiram até que o entono da alma se quebrou em ais,  
E o bordão de desp’rança de seu canto cheio de ais

Era este “Nunca mais”.

Mas, fazendo ainda a ave escura sorrir a minha amargura,  
Sentei-me defronte dela, do alvo busto e meus umbrais;  
E, enterrado na cadeira, pensei de muita maneira  
Que qu’ria esta ave agoureira dos maus tempos ancestrais,  
Esta ave negra e agoureira dos maus tempos ancestrais,

Com aquele “Nunca mais”.

Comigo isto discorrendo, mas nem sílaba dizendo  
À ave que na minha alma cravava os olhos fatais,  
Isto e mais ia cismando, a cabeça reclinando  
No veludo onde a luz punha vagas sobras desiguais,  
Nauquele veludo one *ela*, entre as sobras desiguais,

Reclinar-se-á nunca mais!

Fez-se então o ar mais denso, como cheio dum incenso  
Que anjos dessem, cujos leves passos soam musicais.  
“Maldito!”, a mim disse, “deu-te Deus, por anjos concedeu-te  
O esquecimento; valeu-te. Toma-o, esquece, com teus ais,  
O nome da que não esqueces, e que faz esses teus ais!”

Disse o corvo, “Nunca mais”.

“Profeta”, disse eu, “profeta — ou demônio ou ave preta!  
Fosse diabo ou tempestade quem te trouxe a meus umbrais,  
A este luto e este degredo, a esta noite e este segredo,  
A esta casa de ância e medo, dize a esta alma a quem atrais  
Se há um bálsamo longínquo para esta alma a quem atrais!

Disse o corvo, “Nunca mais”.

“Profeta”, disse eu, “profeta — ou demônio ou ave preta!  
Pelo Deus ante quem ambos somos fracos e mortais.  
Dize a esta alma entristecida se no Édem de outra vida  
Verá essa hoje perdida entre hostes celestiais,  
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais!”

Disse o corvo, “Nunca mais”.

“Que esse grito nos aparte, ave ou diabo!”, eu disse. “Parte!  
Torna á noite e à tempestade! Torna às trevas infernais!  
Não deixes pena que ateste a mentira que disseste!  
Minha solidão me reste! Tira-te de meus umbrais!  
Tira o vulto de meu peito e a sombra de meus umbrais!”

Disse o corvo, “Nunca mais”.

E o corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda  
No alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais.  
Seu olhar tem a medonha cor de um demônio que sonha,  
E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão há mais e mais,

Libertar-se-á... nunca mais!

***Original em inglês,***

*first published in 1845*

**THE RAVEN**

*by Edgar Allan Poe,*

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,  
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore,  
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,  
As of someone gently rapping, rapping at my chamber door.  
“ ‘Tis some visitor,” I muttered, “tapping at my chamber door;  
Only this, and nothing more.”

Ah, distinctly I remember, it was in the bleak December,  
And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor.  
Eagerly I wished the morrow; vainly I had sought to borrow  
From my books surcease of sorrow, sorrow for the lost Lenore,  
For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore,

Nameless here forevermore.

And the silken sad uncertain rustling of each purple curtain  
Thrilled me — filled me with fantastic terrors never felt before;  
So that now, to still the beating of my heart, I stood repeating,  
“ ‘Tis some visitor entreating entrance at my chamber door,  
Some late visitor entreating entrance at my chamber door.

This it is, and nothing more.”

Presently my soul grew stronger; hesitating then no longer,  
“Sir,” said I, “or madam, truly your forgiveness I implore;  
But the fact is, I was napping, and so gently you came rapping,  
And so faintly you came tapping, tapping at my chamber door,  
That I scarce was sure I heard you.” Here I opened wide the door; —



Darkness there, and nothing more.

Deep into the darkness peering, long I stood there, wondering, fearing  
Doubting, dreaming dreams no mortals ever dared to dream before;  
But the silence was unbroken, and the stillness gave no token,  
And the only word there spoken was the whispered word,  
Lenore?, This I whispered, and an echo murmured back the word,

“Lenore!” Merely this, and nothing more.

Back into the chamber turning, all my soul within me burning,  
Soon again I heard a tapping, something louder than before,  
“Surely,” said I, “surely, that is something at my window lattice.  
Let me see, then, what thereat is, and this mystery explore.  
Let my heart be still a moment, and this mystery explore.

“ ‘Tis the wind, and nothing more.”

Open here I flung the shutter, when, with many a flirt and flutter,  
In there stepped a stately raven, of the saintly days of yore.  
Not the least obeisance made he; not a minute stopped or stayed he;  
But with mien of lord or lady, perched above my chamber door.  
Perched upon a bust of Pallas, just above my chamber door,

Perched, and sat, and nothing more.

Then this ebony bird beguiling my sad fancy into smiling,  
By the grave and stern decorum of the countenance it wore,  
“Though thy crest be shorn and shaven thou,” I said, “art sure no craven,  
Ghastly, grim, and ancient raven, wandering from the nightly shore.  
Tell me what the lordly name is on the Night’s Plutonian shore.”

Quoth the raven, “Nevermore.”

Much I marvelled this ungainly fowl to hear discourse so plainly,  
Though its answer little meaning, little relevancy bore;  
For we cannot help agreeing that no living human being  
Ever yet was blessed with seeing bird above his chamber door,  
Bird or beast upon the sculptured bust above his chamber door,

With such name as “Nevermore.”

But the raven, sitting lonely on that placid bust, spoke only  
That one word, as if his soul in that one word he did outpour.  
Nothing further then he uttered; not a feather then he fluttered;  
Till I scarcely more than muttered, “Other friends have flown before;  
On the morrow he will leave me, as my hopes have flown before.”

Then the bird said, “Nevermore.”

Startled at the stillness broken by reply so aptly spoken,  
“Doubtless,” said I, “what it utters is its only stock and store,  
Caught from some unhappy master, whom unmerciful disaster  
Followed fast and followed faster, till his songs one burden bore, —  
Till the dirges of his hope that melancholy burden bore

Of “Never — nevermore.”

But the raven still beguiling all my fancy into smiling,  
Straight I wheeled a cushioned seat in front of bird and bust and door;  
Then, upon the velvet sinking, I betook myself to linking  
Fancy unto fancy, thinking what this ominous bird of yore,  
What this grim, ungainly, ghastly, gaunt, and ominous bird of yore

Meant in croaking, “Nevermore.”

Thus I sat engaged in guessing, but no syllable expressing  
To the fowl, whose fiery eyes now burned into my bosom’s core;  
This and more I sat divining, with my head at ease reclining  
On the cushion’s velvet lining that the lamplight gloated o’er,  
But whose velvet violet lining with the lamplight gloating o’er

She shall press, ah, nevermore!

Then, methought, the air grew denser, perfumed from an unseen censer  
Swung by seraphim whose footfalls tinkled on the tufted floor.  
“Wretch,” I cried, “thy God hath lent thee — by these angels he hath  
Sent thee respite — respite and nepenthe from thy memories of Lenore!  
Quaff, O quaff this kind nepenthe, and forget this lost Lenore!”

Quoth the raven, "Nevermore!"

"Prophet!" said I, "thing of evil! — prophet still, if bird or devil!  
Whether tempter sent, or whether tempest tossed thee here ashore,  
Desolate, yet all undaunted, on this desert land enchanted —  
On this home by horror haunted — tell me truly, I implore:  
Is there — is there balm in Gilead? — tell me — tell me I implore!"

Quoth the raven, "Nevermore."

"Prophet!" said I, "thing of evil — prophet still, if bird or devil!  
By that heaven that bends above us — by that God we both adore —  
Tell this soul with sorrow laden, if, within the distant Aidenn,  
It shall clasp a sainted maiden, whom the angels name Lenore —  
Clasp a rare and radiant maiden, whom the angels name Lenore?"

Quoth the raven, "Nevermore."

"Be that word our sign of parting, bird or fiend!" I shrieked, upstarting —  
"Get thee back into the tempest and the Night's Plutonian shore!  
Leave no black plume as a token of that lie thy soul spoken!  
Leave my loneliness unbroken! — quit the bust above my door!  
Take thy beak from out my heart, and take thy form from off my door!"

Quoth the raven, "Nevermore."

And the raven, never flitting, still is sitting, still is sitting  
On the pallid bust of Pallas just above my chamber door;  
And his eyes have all the seeming of a demon's that is dreaming.  
And the lamplight o'er him streaming throws his shadow on the floor;  
And my soul from out that shadow that lies floating on the floor

Shall be lifted — nevermore!

## HINO A PÃ

*by Master Therion,*

*Aleister Crowley*

Vibra do cio subtil da luz,  
Meu homem e afã  
Vem turbulento da noite a flux  
De Pã! Iô Pã!  
Iô Pã! Iô Pã! Do mar de além  
Vem da Sicília e da Arcádia vem!  
Vem como Baco, com fauno e fera  
E ninfa e sátiro à tua beira,  
Num asno lácteo, do mar sem fim,  
A mim, a mim!  
Vem com Apolo, nupcial na brisa  
(Pegureira e pitonisa),  
Vem com Artêmis, leve e estranha,  
E a coxa branca, Deus lindo, banha  
Ao luar do bosque, em marmóreo monte,  
Manhã malhada da àmbrea fonte!  
Mergulha o roxo da prece ardente  
No ádito rubro, no laço quente,  
A alma que aterra em olhos de azul  
O ver errar teu capricho exul  
No bosque enredo, nos nós que espalma  
A árvore viva que é espírito e alma  
E corpo e mente — do mar sem fim  
(Iô Pã! Iô Pã!),  
Diabo ou deus, vem a mim, a mim!  
Meu homem e afã!  
Vem com trombeta estridente e fina  
Pela colina!  
Vem com tambor a rufar à beira  
Da primavera!

Com frutas e avenas vem sem conto!  
Não estou eu pronto?  
Eu, que espero e me estorço e luto  
Com ar sem ramos onde não nutro  
Meu corpo, lasso do abraço em vão,  
Áspide aguda, forte leão —  
Vem, está fazia  
Minha carne, fria  
Do cio sozinho da demonia.  
À espada corta o que ata e dói,  
Ó Tudo-Cria, Tudo-Destrói!  
Dá-me o sinal do Olho Aberto,  
E da coxa áspera o toque erecto,  
Ó Pã! Iô Pã!  
Iô Pã! Iô Pã Pã! Pã Pã! Pã.,  
Sou homem e afã:  
Faze o teu querer sem vontade vã,  
Deus grande! Meu Pã!  
Iô Pã! Iô Pã! Despertei na dobra  
Do aperto da cobra.  
A águia rasga com garra e fauce;  
Os deuses vão-se;  
As feras vêm. Iô Pã! A matado,  
Vou no corno levado  
Do Unicornado.  
Sou Pã! Iô Pã! Iô Pã Pã! Pã!  
Sou teu, teu homem e teu afã,  
Cabra das tuas, ouro, deus, clara  
Carne em teu osso, flor na tua vara.  
Com patas de aço os rochedos roço  
De solstício severo a equinócio.  
E raivo, e rasgo, e roussando fremo,  
Sempiterno, mundo sem termo,  
Homem, homúnculo, ménade, afã,

Na força de Pã.  
Iô Pã! Iô Pã Pã! Pã!

## ***Original em inglês,***

### **HYMN TO PAN**

*(by Master Therion,  
Aleister Crowley)*

*ephrix erōti periarchés d' aneptoman  
iō iō pan pan  
ō pan pan aliplankte, kyllanias chionoktypoi  
petraias apo deirados phanéth, ō  
theōn choropoi anax  
SOPH. AJ.*

Thrill with lissome lust of the light,  
O man! My man!  
Come careering out of the night  
Of Pan! Io Pan!  
Io Pan! Io Pan! Come over the sea  
From Sicily and from Arcady!  
Roaming as Bacchus, with fauns and pards  
And nymphs and satyrs for thy guards,  
On a milk-white ass, come over the sea  
To me, to me,  
Come with Apollo in bridal dress  
(Shepherdess and pythoness)  
Come with Artemis, silken shod,  
And wash thy white thigh, beautiful God,  
In the moon of the woods, on the marble mount,  
The dimpled dawn of the amber fount!  
Dip the purple of passionate prayer  
In the crimson shrine, the scarlet snare,  
The soul that startles in eyes of blue

To watch thy wantonness weeping through  
The tangled grove, the gnarled bole  
Of the living tree that is spirit and soul  
And body and brain — come over the sea,  
(Io Pan! Io Pan!)  
Devil or god, to me, to me,  
My man! my man!  
Come with trumpets sounding shrill  
Over the hill!  
Come with drums low muttering  
From the spring!  
Come with flute and come with pipe!  
Am I not ripe?  
I, who wait and writhe and wrestle  
With air that hath no boughs to nestle  
My body, weary of empty clasp,  
Strong as a lion and sharp as an asp —  
Come, O come!  
I am numb  
With the lonely lust of devildom.  
Thrust the sword through the galling fetter,  
All-devourer, all-begetter;  
Give me the sign of the Open Eye,  
And the token erect of thorny thigh,  
And the word of madness and mystery,  
O Pan! Io Pan!  
Io Pan! Io Pan Pan! Pan Pan! Pan,  
I am a man:  
Do as thou wilt, as a great god can,  
O Pan! Io Pan!  
Io Pan! Io Pan Pan! I am awake  
In the grip of the snake.  
The eagle slashes with beak and claw;  
The gods withdraw:  
The great beasts come, Io Pan! I am borne  
To death on the horn  
Of the Unicorn.

I am Pan! Io Pan! Io Pan Pan! Pan!  
I am thy mate, I am thy man,  
Goat of thy flock, I am gold, I am god,  
Flesh to thy bone, flower to thy rod.  
With hoofs of steel I race on the rocks  
Through solstice stubborn to equinox.  
And I rave; and I rape and I rip and I rend  
Everlasting, world without end,  
Mannikin, maiden, Maenad, man,  
In the might of Pan.  
Io Pan! Io Pan Pan! Pan! Io Pan!



## **ANNABEL LEE**

*(de Edgar Allan Poe)*

Foi há muitos e muitos anos já,  
Num reino de ao pé do mar.  
Como sabeis todos, vivia lá  
Aquele que eu soube amar;  
E vivia sem outro pensamento  
Que amar-me e eu a adorar.

Eu era criança e ela era criança,  
Neste reino ao pé do mar;  
Mas o nosso amor era mais que amor —  
O meu e o dela a amar;  
Um amor que os anjos do céu vieram  
a ambos nós invejar.

E foi esta a razão por que, há muitos anos,  
Neste reino ao pé do mar,  
Um vento saiu dum nuvem, gelando  
A linda que eu soube amar;  
E o seu parente fidalgo veio  
De longe a me a tirar,  
Para a fechar num sepulcro  
Neste reino ao pé do mar.

E os anjos, menos felizes no céu,  
Ainda a nos invejar...  
Sim, foi essa a razão (como sabem todos,  
Neste reino ao pé do mar)  
Que o vento saiu da nuvem de noite  
Gelando e matando a que eu soube amar.

Mas o nosso amor era mais que o amor  
De muitos mais velhos a amar,

De muitos de mais meditar,  
E nem os anjos do céu lá em cima,  
Nem demônios debaixo do mar  
Poderão separar a minha alma da alma  
Da linda que eu soube amar.

Porque os luas tristonhos só me trazem sonhos  
Da linda que eu soube amar;  
E as estrelas nos ares só me lembram olhares  
Da linda que eu soube amar;  
E assim 'stou deitado toda a noite ao lado  
Do meu anjo, meu anjo, meu sonho e meu fado,  
No sepulcro ao pé do mar,  
Ao pé do murmúrio do mar.

## ***Original em inglês,***

### **ANNABEL LEE**

*by Edgar Allan Poe*

It was many and many a year ago,  
In a kingdom by the sea,  
That a maiden there lived whom you may know  
By the name of Annabel Lee;  
And this maiden she lived with no other thought  
Than to love and be loved by me.

I was a child and she was a child,  
In this kingdom by the sea;  
But we loved with a love that was more than love —  
I and my Annabel Lee;  
With a love that the winged seraphs of heaven  
Coveted her and me.

And this was the reason that, long ago,  
In this kingdom by the sea,  
A wind blew out of a cloud, chilling  
My beautiful Annabel Lee;  
So that her highborn kinsman came  
And bore her away from me,  
To shut her up in a sepulchre  
In this kingdom by the sea.

The angels, not half so happy in heaven,  
Went envying her and me —  
Yes! — that was the reason (as all men know, In this  
kingdom by the sea)  
That the wind came out of the cloud by night,  
Chilling and killing my Annabel Lee.

But our love it was stronger by far than the love  
Of those who were older than we —

Of many far wiser than we —  
And neither the angels in heaven above,  
Nor the demons down under the sea,  
Can ever dissever my soul from the soul  
Of the beautiful Annabel Lee.

For the moon never beams without bringing me  
dreams  
Of the beautiful Annabel Lee;  
And the stars never rise but I feel the bright eyes  
Of the beautiful Annabel Lee;  
And so, all the night-tide, I lie down by the side  
Of my darling, my darling, my life and my bride,  
In the sepulchre there by the sea,  
In her tomb by the sounding sea.